



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Medeiros, Paula Cristina; Loureiro, Sonia Regina; Linhares Martins, Maria Beatriz; Marturano, Edna
Maria

A Auto-Eficácia e os Aspectos Comportamentais de Crianças com Dificuldade de Aprendizagem

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 327-336

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813302>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Auto-Eficácia e os Aspectos Comportamentais de Crianças com Dificuldade de Aprendizagem

Paula Cristina Medeiros^{1,2}

Sonia Regina Loureiro

Maria Beatriz Martins Linhares

Edna Maria Marturano

Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto

Resumo

O objetivo da pesquisa é avaliar as relações entre o desempenho acadêmico, o senso de auto-eficácia e os aspectos comportamentais em 52 crianças de ambos os sexos, na faixa etária de oito anos a onze anos e onze meses, alunos de primária com nível intelectual pelo menos médio inferior, divididas em: G1-26 crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem encaminhadas a um Ambulatório de Psicologia vinculado a um Hospital Escola; e G2-26 crianças com desempenho acadêmico avaliado por teste de Desempenho Escolar. Os instrumentos utilizados foram: Roteiro de Aprendizagem e Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, além do teste de desempenho escolar. Observou-se que as crianças da G1 apresentaram uma avaliação significativamente mais baixa quanto ao senso de auto-eficácia e seus pais relataram mais dificuldades comportamentais, comparativamente ao G2. O desempenho acadêmico mostrou-se relacionado ao senso de auto-eficácia e a indicadores de dificuldade comportamental.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem; auto-eficácia; comportamento.

Self-Efficacy and Behavioral Aspects of Children with Learning Difficulties

Abstract

The aim of the present study was to assess the relationship among school performance, sense of self-efficacy and behavioral aspects in 52 children of both sexes, aged from eight to 11 years and 11 months. The children were enrolled in the first grade and their intelligence level was assessed as of lower medium level at least. Subjects were divided into two groups: G1-26 children with learning difficulties referred to a Psychology Ambulatory of a School Hospital, and G2-26 children with academic achievement assessed by an academic performance test. The instruments used were: Self-Efficacy Assessment Scale, Child Behavior Scale, as well as a school achievement test. G1 showed a significantly lower score than G2, as compared to G2. A significant difference was also observed in the assessment made by parents, who claimed that children from G1 had more behavioral problems. Academic performance was found to be related to self-efficacy and behavioral problems.

Keywords: Learning difficulty; self-efficacy; behavior.

(Boruchovitch, 1994; Martín & Marchesi, 1995). Neste sentido, mais recentemente, tende-se a considerar a interação de uma série de fatores, cuja confluência específica determina o nível de rendimento da criança frente à situação de aprendizagem.

Ao se fazer referência às dificuldades de aprendizagem não se pode perder de vista a presença de distorções inerentes ao próprio sistema educacional e às influências ambientais que funcionam como contexto para as manifestações comportamentais e as peculiaridades do indivíduo que pode apresentar, no sistema escolar, o sintoma de não aprender (Linhares, 1998; Marturano, Linhares & Parreira, 1993).

Estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem vêm reforçando a importância das influências das variáveis internas como as escolhas, crenças, expectativas e afetos, que funcionam como mediadores da relação entre estímulo e resposta (Chapman, Cullen, Boersma & Maguire, 1981). Dentre estas variáveis, destaca-se neste estudo a auto-eficácia. Define-se como auto-eficácia a crença do indivíduo sobre sua capacidade de desempenho em atividades específicas. Envolve o julgamento sobre suas capacidades para mobilizar recursos cognitivos e ações de controle sobre eventos e demandas do meio (Bandura, 1989a). Tais crenças influenciam as aspirações e o envolvimento com metas estabelecidas, o nível de motivação, a perseverança face às dificuldades, a resiliência às adversidades, relacionando-se com a qualidade de pensamento analítico, a atribuição causal para sucesso e fracasso e a vulnerabilidade para o estresse e depressão. Os estudos em geral têm abordado como os fatores ambientais e pessoais afetam a auto-eficácia e como a auto-eficácia influencia a aprendizagem, motivação e realização acadêmica (Bandura, Barbaranelli, Caprara & Pastorelli, 1996).

Os indivíduos possuem um sistema de crenças que afeta pensamentos, sentimentos e ações. Através da reflexão os indivíduos são capazes de se engajarem em

que as pessoas recebem dos outros psicológicos associados à emoções positivas que influenciam na maneira como as coisas são percebidas.

O constructo auto-eficácia tem sido amplamente aplicado às crianças que experienciam dificuldades de aprendizagem, afeto ou comportamento. A auto-eficácia, juntamente com outras crenças que apoiam a aprendizagem, é forte preditora do desempenho acadêmico. A auto-eficácia influencia o desempenho acadêmico e, ao mesmo tempo, é influenciada por este, tendo implicações no desenvolvimento de um todo. Esta influência ocorre tanto por dentro quanto por fora, como através do seu impacto no ambiente social, na motivação, auto-regulação e auto-estima. As expectativas de resultados, bem como os interesses, que por sua vez, afetam o desempenho e o comportamento (Bandura & Schunk, 1989; Valiante, 1997; Pintrich, Aderman & Schunk, 1995).

Segundo Pajares (1996), pesquisas mostram que o senso de auto-eficácia dentro do contexto escolar sugere que estudantes com alto senso de auto-eficácia são capazes de desempenhar tarefas academicas com maior sucesso e usando mais estratégias cognitivas e metacognitivas. Eles permanecem mais tempo do que aqueles com baixo senso de auto-eficácia, e também usam mais tempo para pensar e resolver problemas. As crianças com baixo senso de auto-eficácia tendem a ter menor desempenho acadêmico, e a apresentar menor motivação e menor envolvimento com as tarefas. Elas também tendem a ter menor resiliência, e a apresentar menor perseverança face às dificuldades.

A dificuldade de aprendizagem é um problema que apresenta associação com outros problemas de saúde mental. A auto-eficácia é um constructo que tem revelado que comumente as pessoas com dificuldades escolares manifestam paralelamente problemas de ordem emocional e comportamental (Bandura, 1994a). Linhares, Parreira, Maturano e al. (1998) observaram a presença de mais de um terço dos pais nos relatos dos pais que procuravam atendimento psicológico para seus filhos com dificuldades de aprendizagem.

cognitivas para resolverem problemas potenciais, possibilitando diretrizes positivas de desempenho. A crença na auto-eficácia, além de modificar regras de pensamento, determina o nível de motivação. Quanto mais alto o senso de auto-eficácia, maior será o esforço despendido, a persistência, o envolvimento com metas e objetivos mais elevados. Pessoas duvidosas de suas capacidades enfraquecem seus esforços ou abandonam prematuramente suas tentativas. O processo afetivo é também fortemente afetado pela crença na auto-eficácia, porque pode influenciar na quantidade de estresse e ansiedade que uma pessoa vai experimentar diante de determinadas atividades. A eficácia no processo de seleção pode interferir no curso da vida através da influência nas escolhas de atividade e ambientes, baseadas na sua percepção do que é seguro, atingível, desafiador ou recompensador. As pessoas tendem a evitar atividades e situações que elas acreditam exceder suas capacidades (Bandura, 1993; Schunk, 1995).

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo avaliar as relações entre o desempenho acadêmico, o senso de auto-eficácia e aspectos comportamentais de crianças do Ensino Fundamental.

Método

Participantes

Foram avaliadas 52 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária entre oito anos e 11 anos e 11 meses, alunos de primeira a quarta série de 20 escolas da rede pública do município de Ribeirão Preto, distribuídas em dois grupos:

Grupo 1 - G1: Composto por 26 crianças (16 meninos e 10 meninas) encaminhadas a um ambulatório de Psicologia vinculado a um hospital escola com queixa de dificuldade de aprendizagem.

Grupo 2 - G2: Composto por 26 crianças com bom desempenho acadêmico que freqüentam um Centro de Atendimento à Juventude (CAJ)

1994), nas áreas de leitura e escrita, de acordo com a faixa etária e/ou série escolar, realizada através do Questionário para Avaliação do Desempenho e do Comportamento da Criança no Ambiente Escolar - DCCE (Baptista & Selegato, 1989), indicando boas

Na composição do G2 também foram incluídas as crianças do G1, buscando-se equilibrar a relação a sexo, idade da criança e nível de escolaridade dos pais. Após a seleção das crianças, foi realizada a comparação dos grupos através da análise de Mann-Whitney, quanto ao nível de escolaridade ($G1/M=109,31$ e $G2/M=110,42$), sexo ($G1/M=6,27$ e $G2/M=6,81$), idade ($G1/M=4,62$ e $G2/M=5,50$), e nível de renda ($G1/M=44,81$ e $G2/M=57,81$), não havendo diferenças estatisticamente significativas. Quanto ao nível intelectual, houve diferença estatisticamente significativa, sendo o G2 com nível intelectual inferior ao G1.

O projeto foi apreciado e aprovado pelo Conselho de Ética do hospital escola e autorizado pelo Conselho do Bem Estar Social e da Educação. Após a explicação relativa aos procedimentos, os pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Informado, autorizando a participação das crianças. Apresentaram-se 52 crianças, das quais 49 foram convidadas a participar.

Instrumentos

Foram utilizados:

- Matrizes Progressivas Coloridas (MPC) (Angelini, Alves, Custódio & Iannuzzi, 1994), avaliação do nível intelectual.

- Teste de Desempenho Escolar (TDE) (Stein, 1994), avaliação do nível de desempenho escolar.

- Questionário para Caracterização do Comportamento da Criança no Ambiente Escolar (QCCAE) (Stein, 1994), avaliação do comportamento da criança no ambiente escolar.

a terceira e quarta autora: “Problemas associados a dificuldades escolares – construção e aplicação de procedimentos avaliativos com enfoque desenvolvimentista” (Medeiros & Loureiro, 1999). O roteiro é composto por 20 afirmativas, dessas 12 são relacionadas à percepção da capacidade quanto ao desempenho acadêmico, compreendendo seis afirmativas com significado positivo (itens 01, 03, 05, 07, 09, 20) e seis afirmativas com significado negativo (itens 02, 12, 14, 16, 18, 19); e oito afirmativas relacionadas à percepção de desempenho acadêmico, tendo como referência a avaliação de outros ou a comparação com os pares, compreendendo quatro afirmativas com significado positivo (itens 11, 13, 15, 17) e quatro afirmativas com significado negativo (itens 04, 06, 08, 10). O roteiro foi testado em estudo preliminar com 20 crianças (idade entre 8 e 10 anos). O índice de estabilidade (teste e reteste) alcançado em duas avaliações, com 28 dias de intervalo foi de 92% (concordância bruta).

- *Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter – (ECI)* avaliação de problemas comportamentais, preenchida pelos pais – padronizada para escolares de Ribeirão Preto (Graminha, 1994b). A ECI inclui 36 itens, fornecendo um escore global, assim como escores parciais relativos a problemas de saúde (oito), hábitos (sete) e comportamentos (21).

Procedimentos

As crianças foram avaliadas individualmente, as do G1 no ambulatório e as do G2 no CAIC. Na primeira sessão procedeu-se à aplicação do Raven. Em uma segunda sessão, procedeu-se à aplicação do TDE conforme recomendações técnicas. Com base no dados destas duas avaliações e a avaliação dos professores, os sujeitos foram incluídos nos grupos G1 (crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem) e G2 (crianças com bom desempenho acadêmico). Em uma terceira sessão procedeu-se à aplicação do Roteiro de Avaliação

Com relação aos pais, o procedimento da ECI teve peculiaridades em cada etapa. Quanto ao G1, após uma situação de face, visando a coleta de informações de identificação, os pais preenchiam a ECI de forma auto-aplicativa, própria da instrumento. Quanto ao G2, os pais respondiam em suas casas um questionário de dados de identificação, respondendo ambos por escrito.

Quanto aos professores, estes foram encarregados de preencherem o Questionário para Caracterização do Comportamento da Criança no Ambiente

Tratamento dos dados

Para a classificação dos dados relativos à auto-eficácia, as respostas foram pontuadas de 0 (não) ou 1 (um), de acordo com a alternativa correta. Os sujeitos dispunham de duas alternativas corretas ou “não”. Para as respostas favoráveis à auto-eficácia positivo foi atribuído um ponto, podendo corresponder a um *sim* ou *não* dependendo da questão. No conjunto de 20 itens, na escala positivas a resposta *sim* é pontuada com dez pontos e nas dez afirmativas negativas a resposta *não* com valor 1 (um).

Ex.: Eu tenho me saído bem..... Sim

Eu quero parar de estudar logo....Sim

A somatória do total de pontos obtidos em 20 itens correspondeu ao escore total. Neste critério que quanto maior a pontuação maior o senso de auto-eficácia da criança. Considerando a comparação dos grupos, os resultados mostraram que o escore total.

O Roteiro foi cotado de acordo com o descrito. Os dados foram quantificados e comparados mediante análise estatística não-paramétrica de Mann-Whitney.

total >16) como indicativa da necessidade de encaminhamentos para atendimento psicológico.

Para determinar a existência de possíveis associações entre a avaliação do senso de auto-eficácia realizada pelas crianças, o nível intelectual, e o funcionamento comportamental informado pelos pais através da ECI, procedeu-se à aplicação da Matriz de correlação não-paramétrica de Spearman.

Resultados

Primeiramente serão apresentados os dados da avaliação do senso de auto-eficácia com relação ao escore total e a discriminação dos itens. Em seguida, serão apresentados os dados relativos à ECI, destacando-se os escores parciais e total e os itens com diferenças estatisticamente significativas e, por fim, a associação entre os dados dos dois instrumentos em questão. Os dados

Tabela 1. Auto-eficácia – Média, Desvio Padrão e Mediana da Comparação do Escore Total dos Grupos Avaliados (Teste não-paramétrico de Mann-Whitney)

Grupos	Média	<i>df</i>	Mediana	<i>p</i>
G1	12,19	4,22	12,50	0,001
G2	18,54	2,16	19,00	

Tabela 2. Auto-eficácia - Itens com Diferenças Estatisticamente Significativas, na Comparação dos Sujeitos dos Dois Grupos, Discriminando a Valoração Positiva e Negativa

Itens	G 1	
+	1.Eu tenho me saído bem	73,1
+	13.Eu acabo as atividades no mesmo tempo que os meus colegas.	61,5
+	15.Minha professora me considera um bom aluno.	73,1
-	4.Minha família me considera um aluno fraco	42,3
-	6.Minha professora me considera um aluno fraco	38,5
-	8.Eu demoro mais que os outros para acabar as atividades.	38,5
-	10.Eu tenho mais dificuldade para aprender que os meus colegas.	76,9
-	12.Eu esqueço rápido o que aprendi	50

relativos ao Roteiro de Avaliação de Auto-eficácia, à comparação do escore total, são apresentados na Tabela 1.

Observa-se diferença altamente significativa entre os dois grupos quando da avaliação do escore total, considerando-se $p < 0,001$. O G2 apresenta menor escore que o G1, caracterizando-o como grupo com menor senso de auto-eficácia portanto com maior queixa de dificuldade de aprendizagem. A Tabela 1 apresenta os dados do Roteiro de Auto-eficácia discriminando os itens com diferenças estatisticamente significativas.

Pode-se observar que, dentre os 12 itens que diferenciam os grupos (Tabela 1), Observa-se que destes 12 itens, 10 apresentam menor escore que o G1, em relação ao senso de auto-eficácia, indicando uma valoração negativa. Nos itens que diferenciam os grupos com significância estatística, pode-se observar que o G2 apresenta menor escore que o G1, indicando que os sujeitos do G2 apresentaram um desempenho mais baixo quando comparadas com o G1. No entanto, nos itens com valoração negativa, o G2 apresenta uma porcentagem superior ao G1, indicando que o G2 apresenta um senso de auto-eficácia mais baixo para os itens com valoração negativa.

Observa-se ainda que os itens que diferenciam os grupos com diferenças estatisticamente signifi-

itens são com valoração positiva, onde o G2 novamente apresentou uma porcentagem superior ao G1. A Tabela 3 apresenta os dados obtidos da ECI respondida pelos pais das crianças do G1 e do G2, comparando os escores parciais e total.

Observa-se que os grupos se diferenciam significativamente com relação à área de comportamento e ao escore total. Quanto ao escore parcial relativo à área de comportamento o G1 apresenta média maior do que o G2, indicando maiores dificuldades nesta área. Quanto ao escore total, incluindo todos os itens, o G1 apresenta também média significativamente maior do que o G2.

Quanto ao escore total superior à nota de corte - 16 pontos (Graminha & Coelho, 1994), observa-se que 77% dos sujeitos do G1 apresentaram valores de escore total acima de 16 pontos, sugerindo maior necessidade de atendimento psicológico. A Tabela 4 apresenta a comparação dos grupos, discriminando os itens da ECI com diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 3. Escala Comportamental Infantil A2 Rutter (ECI) – Comparação dos Escores Parciais e Total dos Grupos Avaliados (Teste não-paramétrico de Mann-Whitney)

Áreas	Grupos	Média	<i>df</i>	Mediana	<i>p</i>
Saúde	1	2,77	1,56	3,04	
	2	2,88			
Hábitos	1	2,62	1,94	3,00	
	2	1,88			
Comport.	1	15,23	6,00	15,50	0,00
	2	11,00			
Escore Total	1	20,62	7,46	21,00	0,00
	2	15,77			

Tabela 4. Escala Comportamental Infantil A2 Rutter (ECI) – Comparação dos Grupos quanto aos Itens Estatisticamente Significativas

Área	Itens	Grupo	Média	<i>df</i>	Mediana
Saúde	Faz xixi na cama ou nas calças	1	0,00	0,00	0,00
		2	0,19		
	“Mata” ou “enforca” aula	1	0,00	0,00	0,00
		2	0,19		

Observa-se que sete itens diferentemente os grupos. Nos dois primeiros, na área de saúde, o G1 apresenta uma média maior comparado com G2. Na área de hábitos referente à dificuldade de fala diferentemente o G1 apresenta maior número de sujeitos com dificuldade e nenhuma criança do G2 tem esta característica. Nos quatro itens referentes ao comportamento, o G1 novamente apresenta maior de sujeitos com dificuldade na área de G2.

A correlação entre as variáveis sensíveis ao funcionamento comportamental, e nível de funcionamento das crianças, através da Matriz de Correlação Paramétrica de Spearman, é apresentada na Tabela 5.

Com relação ao senso de auto-eficácia, a correlação com o escore parcial da escala de comportamento e o escore total da ECI, apesar da direção das relações pode-se dizer que

Tabela 5. Associações entre Avaliação do Senso de Auto-eficácia, Função Comportamental, e o Nível Intelectual das Crianças (Matriz de correlação não-ponderada de Spearman)

	Auto-eficácia	ECI			
		Saúde	Hábito	Compor	Total
Auto-eficácia	1,00				
Saúde	- 0,07	1,00			
Hábito	- 0,19	0,10	1,00		
Compor	- 0,37*	0,34*	0,25	1,00	
Total	- 0,36*	0,49**	0,41**	0,96**	1,00
Nível intelectual	0,25	-0,21	0,16	-0,02	0,001

*p<0,05; **p<0,01

apresentam pontuação mais alta no sentido de problemas comportamentais apresentam pontuação mais baixa no Roteiro de Avaliação de Auto-eficácia, sugerindo baixo senso de auto-eficácia.

Verificam-se correlações entre os escores parciais das áreas de saúde, hábito e de comportamento e o escore total da ECI. Observa-se também correlação entre o escore das áreas de saúde e comportamento. Não se observa correlação entre o nível intelectual, o senso de auto-eficácia e o nível de funcionamento comportamental das crianças.

Discussão

Retomando o objetivo do presente trabalho, pode-se observar que os dois grupos estudados apresentaram diferenças importantes no que se refere ao senso de auto-eficácia e manifestações comportamentais. O grupo de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem apresenta um senso de auto-eficácia mais baixo em relação às crianças com bom desempenho, considerando-se pouco competente para a execução com sucesso de determinadas atividades acadêmicas. Este padrão de funcionamento é concordante com dados de outros estudos que apontam as relações de baixo senso de auto-

Quanto à análise dos dados sobre as manifestações de Auto-eficácia, é interessante notar que 12 itens com diferença significativa entre respostas afirmativas com sentido negativo e respostas de auto-eficácia. Na maioria das crianças, essas respostas iniciam a frase retratando a dificuldade com a qual “eu tenho mais dificuldade”. Porém, existem respostas afirmativas, com sentido negativo, que são mais frequentes para as crianças com dificuldade, possivelmente por serem mais comuns na rotina cotidiana em comentários ou discussões entre professoras ou dos colegas.

Observa-se ainda que os itens que apresentaram diferença entre respostas afirmativas e negativas mostraram percepções baseadas em julgamentos de comparações com os colegas, com maior importância do meio ambiente e menor influência para a formação das crenças. De acordo com Bandura (1989a), a percepção de que as pessoas avaliam o desempenho dos outros, o desenvolvimento do senso de auto-eficácia e suas percepções baseadas no julgamento dos outros estão relacionadas ao senso de auto-eficácia, ao nível de auto-satisfação e sustentar relacionamentos saudáveis.

podem estar suscetíveis a outras dificuldades. Loureiro, Marturano, Linhares, Machado e Silva (1994), estudando três grupos de crianças (com história de atraso escolar e procura de atendimento psicológico, com história de atraso sem procura por atendimento e sem atraso escolar) verificaram manifestações conflituosas nesses grupos. As crianças sem atraso escolar apresentaram indícios sugestivos de manifestações de controle sobre o meio e dissimulação dos conflitos. Por outro lado, pode-se pensar que a ausência do indicador “*matar aula*” para as crianças do G1 tenha relação com a preocupação dos pais destas crianças quanto às atividades acadêmicas, fiscalizando mais a freqüência e assiduidade de seus filhos às aulas.

Os problemas da área de comportamento apresentados pelas crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem referem-se em geral a aspectos internos como preocupação, fechamento ou solidão, irritabilidade e insegurança. Estudos têm sugerido a presença de manifestações emocionais e comportamentais desadaptadas quando da associação dificuldades de aprendizagem e fatores afetivos (Graminha, 1994a). Marturano, Loureiro, Linhares e Machado (1997) encontraram que crianças com atraso escolar, identificadas pelas famílias que buscaram assistência psicológica, denotaram um empobrecimento na sua capacidade produtiva e comprometimentos associados à estruturação da personalidade, bem como uma auto-imagem negativa com intensos sentimentos de inferioridade e menos valia.

As pesquisas que relacionam auto-eficácia e afeto são concordantes ao apontarem uma relação negativa entre auto-eficácia e ansiedade. Pintrich e colaboradores (1994), relatam que alto nível de ansiedade aparece relacionado com mau desempenho em tarefas de leitura, sendo que os estudantes que sentiam-se muito preocupados quanto ao seu desempenho nos testes de leitura não se saíam bem e apresentavam um baixo senso de auto-eficácia. Bandura e colaboradores (1996), referem que um baixo senso de auto-eficácia para exercer controle sobre eventos

Outro dado importante a ser mencionado é que ao nível intelectual das crianças dos dois grupos, os resultados mostraram que os grupos se diferenciaram estatisticamente. No entanto, em relação ao nível intelectual, esta variável não mostrou correlação com o senso de auto-eficácia, nem com os problemas comportamentais. Deve-se ressaltar que, embora o nível intelectual apresentasse significativamente diferença entre os grupos, não é de inclusão que este fosse pelo menor nível intelectual. Partindo-se do pressuposto de que as dificuldades de aprendizagem contavam com um nível intelectual potencial, ou seja, suas habilidades poderiam ser atribuídas a um rebaixamento intelectual, pode-se pensar que embora com recursos intelectuais semelhantes, não estejam em condições de utilizá-los de maneira eficiente (Schunk, 1993), a realização pessoal não requer necessariamente um alto senso de auto-eficácia para ser realizada de forma eficiente. O rendimento escolar pode ser influenciado por variações no senso de auto-eficácia, mas pode levar a criança a render menos em situações que exigem maior esforço. Acredita-se que a auto-eficácia pode ser um fator que influencia a realização pessoal, mas não porque não seja capaz, mas porque não acredita em sua capacidade.

Segundo sugerido por Schunk (1995), o senso de auto-eficácia influencia o desempenho acadêmico tanto por uma ação direta quanto por seu impacto nos processos de motivação, cognição e auto-percepção, expectativas de resultado e interesses. Entretanto, o tipo de instrumento deve ser adequado para avaliar o senso de auto-eficácia neste estudo. Portanto, é necessário uma análise aprofundada quanto ao instrumento e aos processos específicos citados. Para tal, são necessárias provas de desempenho associadas às variáveis de interesse e um instrumento construído para esta finalidade.

A avaliação do senso de auto-eficácia para o desempenho acadêmico pode ser de utilidade para o planejamento e procedimentos de intervenção. Um alto nível de auto-eficácia, no modo como os estudantes se percebem no ambiente acadêmico, afeta seu desempenho e, portanto, seu desempenho.

Os dados do presente trabalho, sugerem que crianças encaminhadas com queixa de dificuldade de aprendizagem apresentaram um baixo senso de auto-eficácia e foram avaliadas pelos seus pais como tendo mais problemas comportamentais quando comparadas às crianças com bom desempenho escolar.

A etapa do ensino fundamental, correspondente a fase dos seis aos doze anos, segundo Erikson (1950/1971) constitui-se um período em que as aquisições de habilidades e conhecimentos têm papel decisivo para o desenvolvimento. Nesse sentido, as intervenções favorecedoras de um alto senso de auto-eficácia podem possibilitar não só um melhor nível de rendimento, como também implementar a capacidade de se envolver com situações de aprendizagem.

Como implicação dessa destaca-se a importância de se oferecer às crianças ferramentas que lhes permitam, além da aquisição de habilidades, desenvolver crenças mais positivas em relação às suas próprias capacidades de realização. Sugere-se que no trabalho com crianças na fase inicial de aprendizagem formal, mesmo quando seu rendimento está abaixo do esperado seja valorizado o desenvolvimento da auto-eficácia como um recurso favorecedor do processo de aprendizagem.

Referências

- Angelini, A., Alves, I., Custódio, E. & Duarte, W. (1987). *Manual das matrizes progressivas coloridas Raven*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bandura, A. (1989a). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44, 1175-1184.

Bandura, A. (1989b). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology*, 25, 729-735.

Bandura, A. (1993). Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist*, 28, 117-148.

Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V. & Pastorelli, C. (1996). Multifaceted impact of self-efficacy beliefs on academic functioning. *Child Development*, 67, 1206-1222.

Bandura, A. & Schunk, D. H. (1981). Cultivating competence, self-efficacy, and intrinsic interest through proximal self-motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 586-598.

Boruchovitch, E. (1994). As variáveis psicológicas e o processo de aprendizagem. In: Pajares, F. (Org.). *Self-efficacy, achievement, and achievement-related behaviors in children and adolescents*. Greenwich, CT: JAI Press.

Schunk, D. H. (1995). Self-efficacy and achievement goals. In: Pajares, F. & Graciano, M. (Eds.). *Handbook of self-efficacy, achievement, and achievement-related processes*. Greenwich, CT: JAI Press.

Stein, J. M. (1994). TDE: Teste de desempenho em leitura. São Paulo: Paulus.

Anexo A
Roteiro de Avaliação de Auto-Eficácia

Vou apresentar para você algumas frases e você vai me dizer o quanto elas tem a ver com o seu jeito.
Basta me responder SIM quando elas se parecerem e NÃO quando elas forem diferentes do seu jeito.

Na escola,	Sim
01. Eu tenho me saído bem. * 02. Eu quero parar de estudar logo. 03. Eu consigo ler com facilidade. * 04. Minha família me considera um aluno fraco. 05. Eu consigo copiar com facilidade. 06. Minha professora me considera um aluno fraco. 07. Eu consigo escrever as palavras que são ditadas. 08. Eu demoro mais que os outros para acabar as atividades. 09. Eu lembro com facilidade do que aprendi. 10. Eu tenho mais dificuldade para a prender que os meus colegas. 11. Eu aprendo tão bem quanto os meus colegas. 12. Eu esqueço rápido o que aprendi. 13. Eu acabo as atividades no mesmo tempo que os colegas. 14. Eu tenho dificuldade para escrever as palavras que são ditadas. 15. Minha professora me considera um bom aluno. 16. Eu tenho dificuldade para fazer cópia. * 17. Minha família me considera um bom aluno. 18. Eu tenho dificuldade para ler. 19. Eu tenho me saído mal. * 20. Eu quero continuar estudando por muitos anos.	

* Estes itens não devem ser precedidos da expressão: “Na Escola”.

Sobre as autoras:

Paula Cristina Medeiros é Psicóloga, Especialista em Problemas de Aprendizagem e Psicopedagogia, Mestranda em Saúde Mental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Sonia Regina Loureiro é Psicóloga, Professora Doutora da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP e docente nos Cursos de Pós-Graduação em Ciências Médicas (área Saúde Mental) e Psicologia, na Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto. Coordena o Serviço de Psicodiagnóstico do Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto, onde mantém atividades de formação de recursos humanos e de pesquisa com instrumentos e procedimentos de avaliação em diferentes contextos psicossociais.